

Edifícios romanos dedicados ao *Otium*

Os anfiteatros

Estes edifícios, que aparecem juntamente com os teatros, na maior parte das cidades romanas, quer na Itália, quer por todo o mundo romano, distinguem-se pela sua peculiar arquitectura. Etimologicamente, a palavra latina *amphitheatrum* não será mais do que um *teatrum* duplo, em que bancadas dos espectadores estão, portanto, colocadas *vis a vis*¹. Esta definição está conforme a descrição que Plínio o Antigo faz, na *Historia Naturalis*, do teatro/anfiteatro de madeira de C. Scribonius Cvirio (fig. 1), o qual é considerado, pelo autor clássico, como o nascimento arquitectónico deste tipo de monumento.

Os anfiteatros destinavam-se a oferecer às multidões espectáculos que envolviam luta de gladiadores (*munera*), batalhas navais (*naumachia*),

caça e luta com animais (*venationes*), exibição de atletas, lutas de boxe e execução de condenados à morte, os *noxii*, (*ad bestias* os que eram lançados às feras, os supliciados na fogueira *pyrricharii*, ou os crucificados *cruciarii*).

Eram constituídos, essencialmente, por bancadas em anel, comportando a *ima*, a *media* e a *summa cavea*, as quais se apoiavam num *podium*, no qual se sentavam, num plano superior, em lugares do tipo amovível, as pessoas da mais alta condição social, como seja o caso do próprio *tribunal* imperial, de onde o príncipe, mais o seu séquito, assistiam ao desenrolar dos jogos². Esta tribuna ficava, normalmente, nas extremidades do eixo da arena.

A arena não tinha a forma de um

círculo, como acontece com as arenas das actuais praças de touros, mas sim de uma elipse (fig. 2). Nos anfiteatros mais imponentes, toda a zona da arena cobria um sistema altamente sofisticado de infra-estruturas, onde se encontrava tudo o que era necessário ao desenvolvimento do espectáculo. Aí se tinha construído todo um sistema de maquinaria, do tipo elevadores (*pegmata*), que trazia até à superfície os cenários e as próprias feras (fig. 3). Era nesta área do anfiteatro que se alojavam os gladiadores, assim como os *venatores*. Por baixo do *podium*, existiam os *carceres*, de onde as feras saíam directamente para a arena, com destino aos vários combates e caçadas, ou para a prossecução das sentenças do tipo *ad bestias*.

Muitos destes edifícios possuíam, nesta mesma zona, um conjunto de salas que se destinavam aos mais diferentes usos. Destacaremos as capelas (*sacella*), as casas mortuárias (*spoliaria*) e, possivelmente, um "hospital de primeiros socorros". Tal como acontecia no teatro, está provada, arqueologicamente, a existência de um sistema de cobertura do tipo *velum*, com o fim de proteger os espectadores das várias intempéries que podiam prejudicar a multidão enquanto assistiam ao desenrolar dos espectáculos, os quais poderiam durar vastos períodos de tempo.

O papel do anfiteatro, na vida romana, passou, na realidade, por ser o instrumento de um sistema social, que, cada vez mais, se apoiava no *otium*. Não é, pois, de estranhar que passasse a ser um dos locais escolhi-

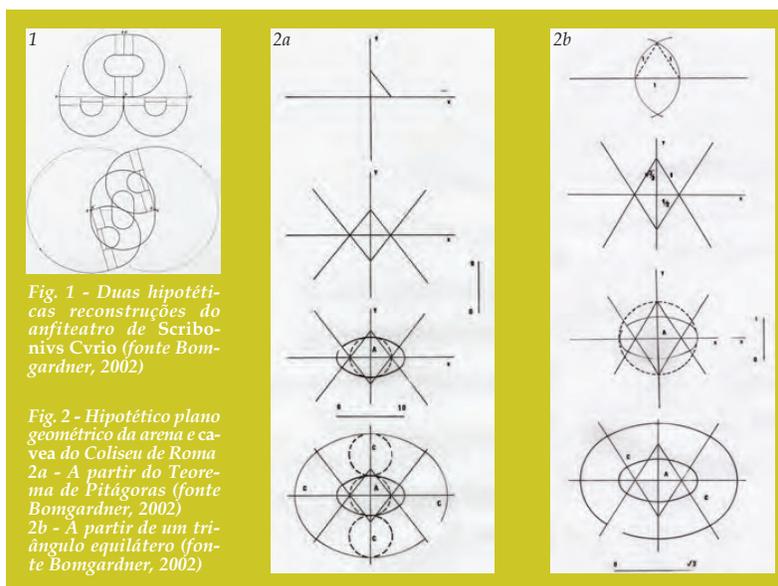




Fig. 3 - Anfiteatro flaviano, Roma. Infraestruturas localizadas sob a arena

dos para o encontro de grandes multidões, o que tornava propício o acontecer de rixas e de confrontos físicos entre facções. Um dos casos que consideramos paradigmático foi o que teve lugar no anfiteatro de Pompeios, em 59 d. C., onde se deu uma verdadeira luta de "hooligans" entre habitantes desta cidade e os de Nucera, a qual custou a vida a vários cidadãos romanos³.

PRINCIPAIS ANFITEATROS EM ROMA

Até finais da República, todos os *munera* e *venationes* foram efectuados no *forum* romano, entre as duas basílicas: a *Aemillia* e a *Sempronia*. Para que tal fosse possível, instalavam-se bancadas de madeira à

volta de uma arena, que teria, possivelmente, de eixo máximo, cerca de 75m.

Foi em época augusta, mais precisamente no ano de 29 a. C., que se construiu em Roma o primeiro anfiteatro fixo, embora de pequenas dimensões. Localizado a sul do Campo de Marte, a expensas de um dos homens poderosos e grande amigo do *Princeps*, *Statilius Taurus*, o qual vem a arder no grande incêndio da *Urbs* em 64 d. C..

Na política de Nero de reconstrução da cidade, o anfiteatro de *Statilius Taurus* foi substituído por um "... anfiteatro de madeira construído ... e levantado em menos de um ano en el mismo Campo de Marte ..."⁴.

Com o início da dinastia flávia,

Roma conheceu a construção mais imponente dessa época e que ainda hoje funciona como o seu verdadeiro ex-libris: O Anfiteatro Flávio "O Coliseu" (figs. 3 e 4). Este edifício colossal, em pedra, começou a ser construído por Vespasiano em 71 ou 72 d. C. e os trabalhos terminaram só em 80, durante o principado do seu filho Tito.

Possuía dimensões pouco vistas até então: uma altura da fachada de próximo de 50m, apoiada num alicerce de 9m de profundidade; uma arena de 79,35 por 47,20m, de forma elíptica, que era impermeabilizada a fim de se poderem realizar batalhas navais; quatro andares; 80 arcadas (fig. 5) que facilitavam o acesso aos espectadores, que podem ser calcu-

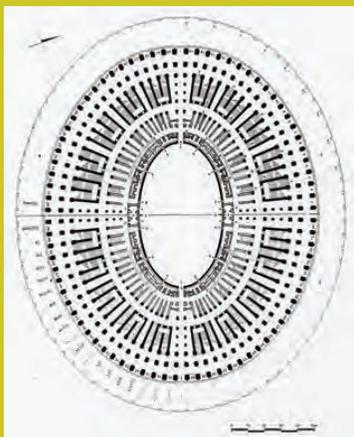


Fig. 4 - Plano do Coliseu de Roma (fonte Bomgardner, 2002)

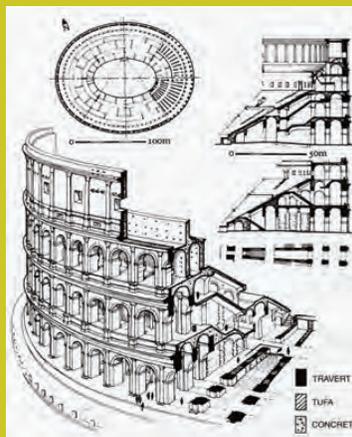


Fig. 5 - Cortes do Coliseu de Roma (fonte Bomgardner, 2002)

lados, hoje em dia, entre os 50.000 e os 73.000⁵.

Toda a monumentalidade deste edifício foi aproveitada para propagação da política imperial, desde tempos flávios até cerca dos meados do séc. III, por meio da cunhagem de diversos tipos de moeda.

Assim, e com o fim de comemorar a inauguração deste monumento, foi cunhado, durante o principado de Tito, mais precisamente durante o seu oitavo consulado, ano de 80 d. C., um sestércio que apresenta, no seu reverso, uma imagem do anfiteatro desenhado como um edifício com quatro "andares", três dos quais com arcarias, sendo esta vista obtida pelo exterior, enquanto que numa perspectiva focada para o interior se definem filas de bancadas, sem que, no entanto, se possa observar a arena⁶.

Só mais tarde, já no segundo quartel do séc. III, no ano de 223, é que a propaganda imperial se aproveita, mais uma vez, deste monumento, para, num áureo de Severo Alexandre⁷, publicitar as obras de restauro e a reabertura do mesmo. Sa-

be-se que o Anfiteatro Flávio sofreu, em 217, aquando de uma tempestade acompanhada de uma terrível trovoadas, pesados estragos, sendo, portanto, necessário encerrá-lo por longo período de tempo. Embora as obras de recuperação tivessem começado de imediato, ou seja, durante o principado de Heliogábalo,

só terminaram muito mais tarde, no tempo de Gordiano III, possivelmente entre 241 e 244, ocasião que foi logo aproveitada por este imperador para mandar cunhar medalhões a celebrar o evento.

Não podemos terminar esta nossa curta exposição sobre estes monumentos sem referir o *Amphitheatrum Castrense*, que foi construído no primeiro quartel do séc. III d. C., durante os tempos de Heliogábalo. Não passando de uma dependência do palácio imperial, tinha uma fachada construída em tijolo que, na sua simplicidade, demonstra o caminho para uma evolução arquitectónica a qual faz com que Pierre Gros afirme ter-se tornado, este monumento "o lugar privilegiado onde se manifesta simbolicamente a coerência da *Orbis Romanus*...".

PRINCIPAIS ANFITEATROS NA HISPANIA

Na *Hispania*, o gosto pelos espectáculos de anfiteatro está bem presente através de um conjunto de monumentos que passaremos a indicar,

Zonas de lugares no anfiteatro	Capacidade de lugares (estimativa)	Obtenção de lugares por classes sociais	Número de lugares para a Irmandade Arval ³
PODIVM <i>Orchestra/Tribunalis</i>	2190	Senadores e convidados especiais	—
CAVEA			
<i>Ima</i>	11680	Ordem equestre	32
<i>Media</i>	20430	Cidadãos romanos ¹	16
<i>Summa</i>	10100	Resto da população ²	-
<i>Summum maenium in legnis</i>	10300	Mulheres de alta sociedade e filhas	44
Total	54700	-	92

Quadro 1 - O Coliseu de Roma (dados obtidos a partir das estimativas apresentadas em Bomgardner, *The Story of the Roman Amphitheater*, 2002)

1- Incluía, entre outros, homens casados, soldados, menores com os seus tutores (com zonas reservadas)

2- Pobres, libertos não abastados, escravos

3- Estimativas a partir de Bomgardner



Fig. 6 - Vista aérea do Teatro e Anfiteatro de Augusta Emerita

por divisões administrativas romanas, para os inícios do Império. Com cronologias que oscilam entre meados do séc. I d. C., e os inícios do II, encontramos, na província da Tarraconense, embora em ruína, os anfiteatros de Ampurias, Cartago Nova, Segóbriga, e Tarraco. A estes é de acrescentar o situado na capital do *conventus bracaraugustanus* (Braga), que embora não tenha sido escavado, é já referenciado em escritos do séc. XVII e localizado no sítio da antiga igreja de S. Pedro de Maximinos⁸. A província da Bética encontrava-se, possivelmente, equipada com cinco anfiteatros. Assim, Córdova, que era a capital, tinha um anfiteatro que, contrariamente aos das restantes cidades béticas, tinha sido construído intramuros. Essas outras cidades, *Astigi*, *Carmo*, *Gades* e Itá-

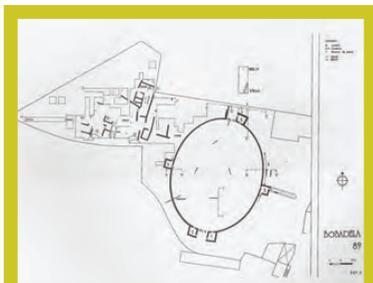


Fig. 7 - Planta do Anfiteatro da Bobadela, segundo Helena Frade e Clara Portas

lica, não nos fornecem dados seguros, arqueologicamente falando, acerca da cronologia das suas fundações, excepção feita ao anfiteatro de Itálica, que foi construído em época de Adriano.

Finalmente para a Lusitânia, é o anfiteatro da capital, *Augusta Emerita*, o mais bem conservado, motivo que permite determinar a sua capacidade em cerca de 20.225 espectadores (fig. 6), e *Capara* que, entre os seus monumentos dedicados ao ócio, tinha um anfiteatro. Ficava localizado extramuros e parece ter sido de fundação flávia ou, quiçá, dos inícios do séc. II.

No actual território português inserido na Lusitânia romana conhecemos, até ao momento, poucos monumentos deste tipo. No entanto foram escavados os seguintes: na Bobadela, concelho de Oliveira do Hospital, foi descoberto um pequeno anfiteatro, nos finais da década de 80 do passado século, por uma equipa de arqueólogos coordenada por Helena Frade e José Carlos Caetano⁹ (fig. 7); Conimbriga, Condeixa-a-Velha, a pouca distância da cidade de Coimbra, cidade que conheceu um forte desenvolvimento urbanístico em época romana, estava equipada com um anfiteatro, o qual foi construído intramuros. Quanto às cronologias

da sua fundação e destruição, recorremos ao estudo que conclui, em 1992: "... parece correcta a datação julio-cláudia já apontada por Golvin, sendo talvez de a precisar no período Cláudio-Nero ..." ¹⁰, quanto à primeira e "... podendo ser atribuída dos últimos anos do séc. III ao segundo quartel do séc. IV ..." quanto à segunda. Certamente que a cidade de Olisipo, também deveria possuir o seu anfiteatro mas, até ao momento, ainda não foi descoberta a sua localização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ¹ Tradução livre da definição de Pierre GROS em *L'Architecture Romaine, 1. Les monuments publics*. Paris: Picard, 1996.
- ² Para a distribuição dos cidadãos ver quadro 1.
- ³ O resultado final deste incidente sanguinolento foi a interdição por 10 anos de combates de gladiadores em Pompeios. Esta interdição do Senado parece ter sido levantada, um pouco mais cedo, no ano de 65, pelo próprio Imperador Nero.
- ⁴ RAMALLO ASENCIO, Sebastián - Teatros, Anfiteatros, Circos y otros espacios para el espectáculo en Roma. In *Roma Monumental. Complejos arquitectónicos de la capital del Imperio*. II Ciclo Internacional de Conferencias. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, 2005 (policopiado).
- ⁵ Quadro 1. Para um estudo mais pormenorizado, ver Gros, obra citada, p. 328-333.
- ⁶ RIC, p. 129, n.º 110; Plate IV, n.º 60.
- ⁷ SEAR, David - *ROMAN COINS and their values*. Londres: Spink, Volume II, 2002, p. 640, 641 n.º 7825.
- ⁸ MORAIS, Rui - Breve ensaio sobre o anfiteatro de *Bracara Augusta*. Forum. 2001. Braga. 30, p. 55-76.
- ⁹ FRADE, Helena; CAETANO, José C.; PORTAS, Clara; MADEIRA, José - Notas para o estudo do urbanismo da cidade romana de Bobadela. Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Vol. XXXV - Fasc. 4. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 1995.
- ¹⁰ CORREIA, Virgílio, in ÁLVAREZ MARTÍNEZ, J.; ENRÍQUEZ NAVASCUÉS; et alii - *Bimilenario del Anfiteatro Romano de Mérida*. Coloquio Internacional. *El Anfiteatro en la Hispania Romana*. Mérida, 26-28 de Noviembre 1992. Badajoz: Junta de Extremadura. Consejería de Cultura y Patrimonio, 1994, p. 337.

NOTA

Este artigo faz parte integrante, embora com alterações, de uma comunicação apresentada em Torres Vedras, em 2005, com o título "Os Ludi Romani (Teatros, Anfiteatros e Circos)".

EURICO SEPÚLVEDA,
Arqueólogo